

IMPACTOS SOCIOCULTURAIS E ECONÔMICOS DO TURISMO NO BAIRRO DA SERRA, IPORANGA-SP, DESTINO ESPELEOTURÍSTICO DE SÃO PAULO

*SOCIO-CULTURAL AND ECONOMIC IMPACTS OF TOURISM ON SERRA DISTRICT,
IPORANGA-SP, A SPELEO TOURIST DESTINATION OF SÃO PAULO*

Mário Donizeti Domingos (1), Maria do Carmo Calijuri (2), Simone Benassi (3) & Giordana Doria (4)

- (1) Universidade de Santo Amaro (Unisa) - Programa de Pós Graduação em Ecologia.
(2) Universidade de São Paulo (USP) - Departamento de Hidráulica e Saneamento da Escola de Engenharia de São Carlos.
(3) Itaipu Binacional.
(4) Universidade de Santo Amaro (Unisa) - Aluna do Curso de Ciências Biológicas.

São Paulo - SP - mdd@osite.com.br

Resumo

A bacia do rio Betari está localizada em uma das poucas áreas ainda preservadas do Estado de São Paulo e apresenta características particulares quanto a sua geologia e geomorfologia (carste) e a Mata Atlântica. Também é importante o fluxo de turistas que aumentou até o final da década de 90, provocando a ocupação sem planejamento. Parte da bacia é ocupada pelo Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira – PETAR. Foram feitas entrevistas com questões abertas em 82 residências e nos meios de hospedagem existentes no Bairro da Serra no ano 2000, o principal agrupamento humano na bacia, para determinação dos impactos econômicos e socioculturais. Os resultados mostram esses impactos, positivos e negativos provocados pelo turismo sobre a população residente. A comunidade Serrana apresentou desenvolvimento socioeconômico, graças ao turismo, geração de emprego e renda, uso da infra estrutura, fixação dos jovens na área rural e geração de empregos para mulheres. Por outro lado a especulação imobiliária e novos hábitos de consumo ocorreram. Porém a falta de planejamento pode comprometer a atividade e os ecossistemas regionais, criando uma barreira à sustentabilidade regional.

Palavras-Chave: Bairro da Serra; rio Betari; impactos do turismo; PETAR.

Abstract

The Betari River basin is located in one of the few areas still preserved in the State of São Paulo and presents specific characteristics regarding geology and geomorphology (karst) and the Atlantic Rain Forest. Also, it's important the tourist flow that has increased since the end of the 90s, leading to the occupation without planning. Part of the basin is occupied by the Tourist State Park of Alto Ribeira - PETAR. A study of the economic and socio-cultural impacts was conducted in the year 2000 over the Serra district, the main group of people in the basin. The results show that the economic and socio-cultural impacts related to tourism were detected, both positive and negative onto the resident population. The Serrana community presented socio-economic development through tourism by generating employment and income, making usage of the infrastructure, retaining the youth in rural areas and generating jobs to the women. On the other hand, speculation and new consumption habits have occurred. However, the lack of planning can compromise the activity and regional ecosystems, creating a barrier to regional sustainability.

Key-Words: Serra district, Betari River, tourism impacts; PETAR.

1. INTRODUÇÃO

A deterioração da qualidade de vida nos grandes centros tem levado a população a buscar, cada vez mais, o contato com a natureza nos momentos de lazer. Isso tem contribuído para o contínuo aumento da atividade turística. Como comentam Lindberg e Hawkins (1995), na atividade

turística existe um custo socioambiental inserido: os impactos, principalmente devido ao rápido crescimento sem planejamento e à administração inadequada dos locais visitados, preferencialmente em áreas ecológicas e culturalmente frágeis. Porém, dentre as atividades humanas, o turismo pode ser considerado a que propicia maiores possibilidades de sustentabilidade, por ser uma atividade que

oferece serviços, e não bens. A própria continuidade do serviço oferecido depende da manutenção de um ambiente socioeconômico, cultural e natural saudáveis.

Segundo Schlüter (1999), os impactos do turismo ocorrem devido às características das atividades desenvolvidas, implantação e manutenção de infraestrutura básica, para prestação de serviços e prática de atividades e devido ao desenvolvimento local induzido.

A bacia hidrográfica do rio Betari é o principal destino no estado de São Paulo para o espeleoturismo e pode trazer riscos para a bacia e a população residente. O desmatamento que ocorre (apesar das leis ambientais de proteção), o risco de instalação de mineradoras (atualmente existem algumas desativadas, mas com resíduos de lavra expostos às intempéries) e os projetos hidroelétricos, esses fatores somados aos efeitos diretos e indiretos causados pelo turismo podem comprometer uma área extremamente rica em informações ainda desconhecidas e verdadeiras relíquias científicas e culturais. O crescimento da atividade turística na bacia sem planejamento levou à construção de pousadas sem estrutura de saneamento básico, e é frequente o despejo de resíduos líquidos a céu aberto ou diretamente nos córregos e rios como observou Giatti (2004). Esse efeito é contraditório, pois o turismo, ao que tudo indica, é a forma mais adequada de desenvolvimento econômico-regional de maneira sustentável.

A análise dos impactos socioculturais e econômicos do turismo é um instrumento importante para subsidiar o planejamento dessa atividade, as políticas de desenvolvimento, a urbanização da região e para policiar essa importante área natural. Este trabalho teve por objetivo determinar impactos socioculturais e econômicos, potenciais e reais, do espeleoturismo na população do bairro da Serra e sugerir ações para a sustentabilidade da região.

1.1. Área de estudo

A região do Alto Vale do Ribeira é uma das últimas áreas ainda não atingidas pela exploração econômica desenfreada que ocorreu no estado de São Paulo, mantendo muitas de suas características originais. Nessa região, encontram-se a maior concentração de cavernas conhecidas no Brasil, muitas de grandes dimensões e formações únicas. A região apresenta, ainda, sítios arqueológicos e paleontológicos e formações geológicas, cársticas, de grande interesse científico e cênico (GT-PETAR/CENIN, 1980; Sanchez, 1984).

Parte significativa da vegetação Atlântica remanescente do estado de São Paulo encontra-se nessa área, abrigando espécies em risco de extinção. Deve-se destacar a fauna cavernícola, muito frágil e especializada, que pode desaparecer com mudanças no meio epígeo. A fauna subterrânea é especialmente sensível a alterações nos fatores abióticos do meio, como temperatura e umidade. Alterações na dinâmica trófica desses sistemas podem pôr em risco esses organismos. A distribuição restrita das populações troglóbias, suas pequenas densidades e baixa capacidade de reposição, tornam-nas muito vulneráveis a alterações ambientais (Trajano, 1986).

O bairro da Serra é o maior aglomerado humano na bacia hidrográfica do rio Betari, um afluente do rio Ribeira de Iguape (Figura 1) e é onde a maioria dos turistas que visitam as cavernas se hospeda. Segundo Rossi (1996), 35,33% dos turistas que visitaram o Núcleo Santana do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira - PETAR em 1996, hospedou-se no bairro da Serra, e outros 30,43% acamparam no próprio núcleo. Nesse bairro, 29,23% se hospedaram em casas particulares, 30,76% em uma das três pousadas de pessoas do próprio bairro e 35,39% em outras duas pousadas, cujos proprietários não são pessoas residentes no bairro. Em 1998, 24.100 turistas visitaram o Núcleo Santana (Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1999) e em 2006, 27.443 turistas (São Paulo, 2010) o que permite inferir o volume de pessoas que se hospedaram no bairro da Serra.

Segundo De Blasis (1996), essa área apresentava originalmente um padrão de ocupação disperso, com pouca visibilidade entre as casas, separadas por roças, pomares e capoeiras altas. Esse padrão de assentamento era devido ao estilo de vida tradicional dos moradores da região. Os núcleos familiares apresentavam controle sobre as parcelas em que baseavam sua subsistência. Atualmente, o padrão de ocupação já apresenta características de núcleos urbanos, com maior adensamento de construções.

O aumento demográfico e de área construída deve-se ao crescimento vegetativo, ao retorno de parentes que tentaram oportunidades em centros maiores, migração de pessoas das redondezas e as casas de turistas, que permanecem por grande parte do ano desocupadas (De Blasis, *op. cit.*). Esse crescimento gerou um núcleo de urbanização com praça, iluminação, posto de saúde, escola, ponto de ônibus e onde se concentram 53% das casas do Bairro da Serra. Outro foco de adensamento ocorre um quilômetro acima deste núcleo, com 25% das casas na margem direita do rio Betari, e um terceiro

foco na outra margem, com 9% das casas. Cabe ressaltar que De Blasis obteve esses dados em 1994 e hoje a situação é outra, com esses adensamentos mais populosos e maior área construída. Fogaça (2008), em estudo que analisa as transformações físicas ocorridas no bairro da Serra devido à atividade turística, constatou a existência de aproximadamente 200 casas no bairro, construídas nos mesmos espaços que as casas existentes no final dos anos 90 ocupavam, provocando adensamento e a verticalização.

Em 1998, a situação se modificou ainda mais, devido a problemas com área de demarcação do PETAR, que faz limite com o bairro da Serra e ocupa parte da bacia hidrográfica. Muitas áreas embargadas voltaram a ser construídas, numa tentativa de oportunismo por parte de algumas pessoas. Grande parte desses problemas foi resolvido em um processo iniciado em 1998 e concluído em 2005, quando houve o desafetação da área do PETAR que se sobrepunha ao bairro da Serra e a anexação de outra área na porção oeste do Parque (São Paulo, 2010).

Como em outros destinos, o turismo tem gerado impactos positivos e negativos. O impacto econômico positivo é que parte da população do bairro obtém ou complementa a renda familiar graças à atividade turística. Isso levou alguns moradores a vislumbrarem uma fonte de renda a mais ou serem donos de seu próprio negócio,

construindo quartos (pousadas), alugando quintais para campistas ou quartos para hóspedes. Por outro lado, do ponto de vista sociocultural e ambiental, os impactos podem ser negativos, pois esse crescimento econômico está ocorrendo sem planejamento e tem como consequências a descaracterização cultural, desmatamento, erosão e poluição dos corpos d'água.

Giatti (2004), Giatti e Rocha (2001) e Giatti *et al.* (2004) verificaram a contaminação por esgotos domésticos e elevados índices de coliformes fecais no rio Betari e apontam a falta de saneamento básico com risco para ambiente, população local e visitantes. Domingos (2002), além da presença de coliformes fecais no mesmo rio, verificou aumento da quantidade de sólidos em suspensão a jusante do bairro da Serra e associou com exposição do solo devido a ocupação da área.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A determinação da percepção popular e dos impactos do turismo no ano 2000 foi feita através de entrevista estruturada, com questões abertas e fechadas, na qual um entrevistador fazia perguntas pré-determinadas aos moradores do bairro. Segundo Mattar (1996), os questionários estruturados têm por objetivo que os entrevistados respondam sempre a mesma pergunta, já que se uma pergunta for formulada de forma diferente, poderá gerar uma resposta diferente.

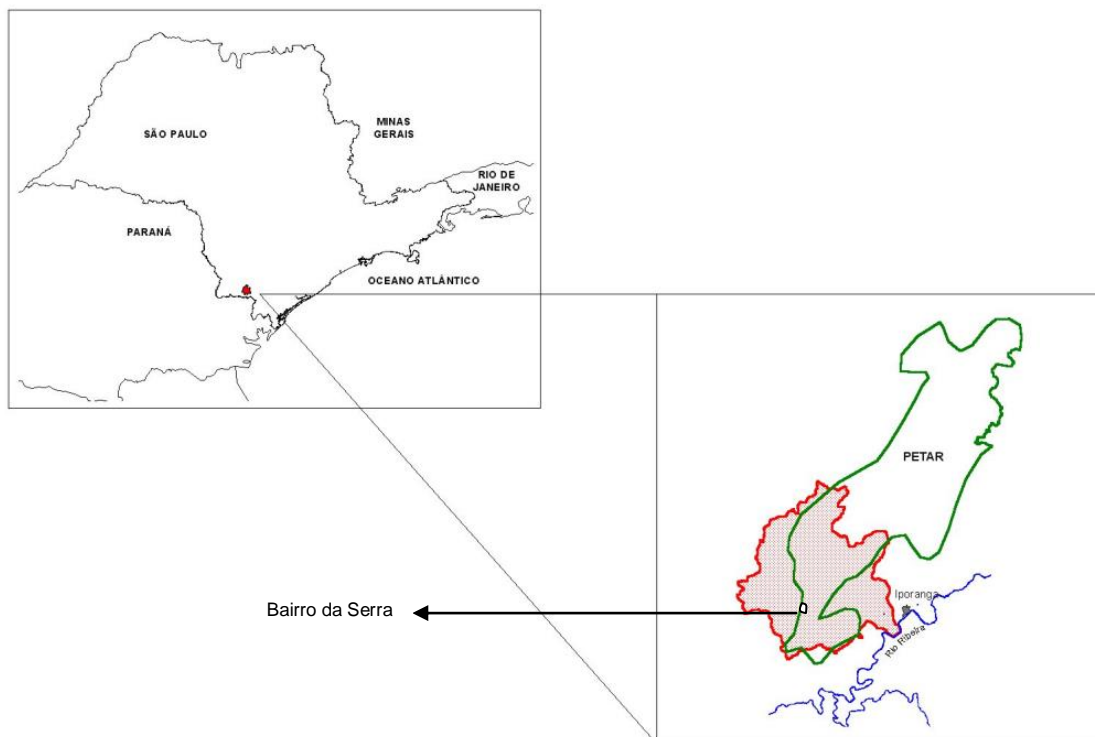


Figura 1. Localização do bairro da Serra na bacia hidrográfica do rio Betari com os limites do PETAR no estado de São Paulo. Adaptado de Domingos (2002).

Inicialmente foi realizada uma entrevista preliminar avaliativa (piloto), a partir da qual foi elaborada a definitiva, com 40 questões abertas. Um entrevistador batia à porta das residências e entrevistava um morador. Foram aplicados 82 questionários, um em cada uma das residências ocupadas por moradores fixos do bairro da Serra e em todos os meios de hospedagem (pousadas e campings). Somente em uma residência com moradores fixos não foi realizado a entrevista. Isso permitiu verificar as características demográficas da população. Quanto a percepção pessoal, as 82 entrevistas correspondeu a 20,3% da população residente em 2000.

As questões objetivaram analisar: a estrutura etária e o local de origem de cada família ou grupo de moradores; a escolaridade e a atividade que exerciam; a frequência de trabalho dos monitores; a expectativa criada por esta atividade; se o turismo já foi fonte de renda e não é mais para algum morador; o impacto econômico positivo da hospedagem de turistas, o número de leitos, a demanda e alguns serviços oferecidos; expectativa de renda gerada pela hospedagem; os efeitos da especulação imobiliária; as questões sanitárias; a percepção dos moradores frente à atividade turística e aos turistas; os benefícios que o turismo trazia aos moradores e a existência de integração destes com os turistas; a visão dos moradores em relação ao PETAR; as atividades de lazer dos moradores; a satisfação dos moradores com a situação e se tinham outras expectativas; o engajamento dos moradores em alguma associação ou organização não governamental e indicativos do nível socioeconômico (Mattar, 1996).

Nas pousadas e campings foram analisadas demanda real, taxa de ocupação, destinos do lixo e efluentes líquidos.

3. RESULTADOS

Através das entrevistas realizadas em 2000 foi possível evidenciar diversos aspectos sobre a demografia, o saneamento, o comportamento e a percepção sobre o turismo pelos residentes no bairro da Serra

3.1. População do bairro da Serra

No ano 2000, constatou-se que existiam 130 casas no bairro da Serra, sendo que destas, 83 eram ocupadas por moradores residentes. Das restantes, 38 pertenciam a turistas, ocupadas esporadicamente ou, a pessoas que já residiram no Bairro e se mudaram, mantendo a posse das casas. Nove

proprietários tinham duas casas no bairro. Foram realizadas entrevistas em 98,8% das casas de moradores residentes (82 casas), sendo que somente em uma das 83 residências ocupadas do bairro o morador não foi encontrado e não foi feita a entrevista.

A maioria das entrevistas foi realizada em residências cujo proprietário era morador. Somente 4 residências não pertenciam aos entrevistados. Também não foi constatada a venda de imóveis por nenhum dos entrevistados do bairro.

A população fixa estimada para o ano 2000 foi de 404 pessoas, e nas entrevistas foram obtidas informações referentes a 401 moradores. A população feminina observada foi de 139 pessoas e a masculina, de 262 pessoas. Destes, 78,6% nasceram no bairro da Serra, 10% nasceram em Iporanga, 8,4% em cidades vizinhas. A maior parte dos moradores ou nasceu no bairro, ou morava lá há mais de 20 anos (86%) e somente 4% residia a menos de 05 anos.

O bairro da Serra apresentou uma população jovem. A faixa etária entre 0 e 12 anos é a que apresentou maior número de pessoas, 29% da população, seguido de 13 a 21 anos com 25%, 22 a 40 anos com 24%, 41 a 65 anos com 18%, e acima de 66 anos com 4%.

Da população amostrada, 29,5% não apresentaram nenhum grau de escolaridade, e aí se incluem aqueles que não estudaram (17,7% da população) e as crianças em idade pré-escolar (11,8% da população). Uma parcela de 5,1% da população havia concluído o nível fundamental, 7,1% o ensino médio e 1% nível superior ou pós-graduação. 47% estavam cursando ou não concluíram o nível fundamental e 10,2% estavam cursando ou não concluíram o nível médio.

3.2. Moradia e saneamento básico

O estudo evidenciou que o abastecimento de água da maioria das casas (80,5%) era feito pela SABESP, porém 11% das casas utilizavam água captada de cavernas (1 residência da caverna Alambari e 8 residências da caverna Ouro Grosso) e 8,5% das residências utilizavam nascentes para abastecimento de água. Já em relação ao esgoto, 79,3% das casas possuíam fossas negras, 9,8% fossas sépticas, 9,8% lançavam diretamente em rios e 1,2% na própria rua. Quanto ao destino dos resíduos sólidos, a maioria das casas utilizava de coleta pública para descarte (79,2%), 6,1% reciclavam parte do lixo, mas algumas residências

queimavam seu lixo. Somente em uma residência o lixo era disposto em qualquer local.

3.3. Empregos

A análise da ocupação da população mostrou que 50,6% da população residente entrevistada trabalhava. O cultivo de roças ainda era uma atividade bastante praticada, e também se pôde observar que 46,3% da população economicamente ativa trabalhava diretamente com atividades turísticas (monitor, pousadas, *camping*) ou em empregos gerados indiretamente pelo turismo (pedreiros e comércio) como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 – Ocupação principal dos moradores no bairro da Serra em 2000.

Ocupação	Número	%
Roça	31	15,3
Monitor	25	12,4
Funcionário de cousada	19	9,5
Funcionário da prefeitura	12	5,9
Diarista em domicílios	11	5,5
Diarista de pousada	8	3,9
Dono de pousada	8	3,9
Comércio	7	3,5
Pedreiro	6	3
Funcionário de <i>camping</i>	3	1,5
Funcionário do PETAR	3	1,5
Dono de <i>camping</i>	1	0,5
Outros serviços	69	34
Total	203	100

A parcela da população que não trabalhava, 49,4% era constituída, em sua grande maioria, por jovens com menos de 18 anos. O trabalho em meios de hospedagem correspondia uma parte significativa dos empregos (18,9%), sendo que destes postos de trabalho, 23 eram ocupados por mulheres e 18 por homens. Já o trabalho de monitor era prioritariamente masculino, com somente 3 postos ocupados por mulheres e outros 22 por homens.

A atividade de monitor ambiental contribuía com 12,4% da ocupação principal dos trabalhadores, sendo que 1,8% dos trabalhadores tinham a atividade de monitor como ocupação secundária. Esse tipo de trabalho se concentrava nos fins de semana, já que somente 10% dos monitores trabalham diariamente na atividade, e outros 42% trabalham apenas nos fins de semana. Havia ainda mais 7%, que trabalhavam esporadicamente como monitores.

A expectativa em exercer a atividade era grande, uma vez que 17,1% dos entrevistados, que não eram monitores, gostariam de exercer essa atividade, porém isso pode não exprimir os desejos da população como um todo, somente dos residentes entrevistados (82 moradores).

A hospedagem de turistas era uma expectativa de 50% dos entrevistados (41 residências). Alguns gostariam de hospedar em casa, outros em *camping* e um estava construindo uma pousada.

3.4. População residente e turismo

No Quadro 1 são apresentados os modos de a população residente no bairro da Serra ver o turismo. A maioria dos residentes entrevistados considerou o turismo positivo e acreditou que ele traz benefícios. Em relação ao Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, a maioria também considerou positiva a sua existência, porém com pequena rejeição, já que 5% dos entrevistados não gostavam, e outros 5% eram indiferentes à existência do PETAR. É curioso o fato de 4% dos entrevistados não conhecerem o parque.

Quadro 1 - Modos de ver o turismo pelos 82 residentes entrevistados do bairro da Serra

Moradores que gostavam do turismo	96%
Moradores que disseram que tanto faz	4%
Moradores que acreditavam que o turismo traz benefícios	98%
Moradores que disseram que não traz benefício	1%
Moradores que disseram que não muda em nada	1%
Acreditavam que o turismo não mudou o meio ambiente	58%
Acreditavam que o turismo mudou o meio ambiente para pior	20%
Acreditavam que o turismo mudou o meio ambiente para melhor	12%
Acreditavam que o turismo mudou, mas não sabiam explicar porque	10%
Disseram que o turismo não mudou seu modo de vida	56%
Disseram que mudou para melhor	32%
Disseram que mudou para pior	7%
Disseram que mudou um pouco, mas não tão significativamente	5%
Disseram que o turismo não mudou o modo de vida das pessoas	37%
Disseram que o turismo mudou a vida das pessoas para melhor	31%
Disseram que o turismo mudou a vida das pessoas para pior	12%
Não souberam responder	21%
Gostavam do PETAR	86%
Não conheciam o PETAR	4%
Não gostavam do PETAR	5%
Gostavam mais ou menos	5%

3.5. Necessidades da população residente

As necessidades para melhoria das condições de vida dos moradores, de acordo com a visão deles, mostrou que emprego, saneamento básico e saúde foram os fatores mais importantes citados: 22%, 19% e 13%, respectivamente. Deve-se ressaltar que 3% dos moradores consideraram que as condições de vida eram boas e 12% não souberam identificar uma necessidade para melhorar a condição de vida no bairro.

O contato da população residente com o turista se dava de várias formas, não somente nas relações de trabalho, mas nos seus momentos de lazer, como é mostrado na Tabela 2. Aparentemente não existe segregação clara entre população local e turista. Muitos dos encontros ocorriam nos locais destinados à diversão e lazer da comunidade do bairro.

Tabela 2 – Locais frequentados pela população residente e pelos turistas.

	Frequência de respostas	%
Telefone público	50	33
Mercearia	23	15,7
Bar JJ	23	15,7
PETAR	19	12,5
Pastelaria	12	7,9
Bar do Saturnino	8	5,3
Pousadas	7	4,6
Beira do rio	2	1,3
Ruas	2	1,3
Cavernas	2	0,7
Bar do Pedrinho	2	0,7
Barraca de sorvete	1	0,7
Loja	1	0,7
Total	152	100

Na Tabela 3 são mostradas as formas de lazer e diversão da população do bairro da Serra. O PETAR, cavernas e o rio, eram locais de lazer da população residente, onde o encontro com turistas era quase certo. A igreja parece ter um papel importante na vida social da comunidade. Alguns se deslocavam para outras cidades, como Apiaí ou Iporanga e até mesmo para São Paulo, em busca de divertimento.

A Associação Serrana Ambientalista (ASA), organização não governamental local com finalidade conservacionista, contava com a participação de moradores de 53,7% das residências. Alguns moradores não tinham interesse em participar e somente um respondeu que não havia sido convidado a participar. Esse veio de São Paulo e montou uma pousada no bairro.

Em relação ao nível socioeconômico da população, alguns indicativos foram coletados.

Existiam 16 residências com automóveis (1 para cada 25 moradores). Geladeira, banheiro e TV não estavam presentes em 7, 6 e 21 residências, respectivamente. Existiam 7 residências com aparelho de vídeo cassete e 17 com máquinas de lavar roupas.

Tabela 3 - Como se divertiam os moradores do bairro da Serra.

	Frequência de respostas	%
PETAR	18	12,4
Outras cidades	16	11
Iporanga	15	10,3
Igreja	14	10
Não sai	13	9
Rio Betari	10	6,9
Escola	8	5,5
Jogando bola	8	5,5
Cavernas	6	4,1
Passeios na mata	5	3,4
Comércio	4	2,8
TV	3	2,1
Forró	3	2,1
Cachoeira	3	2,1
Quermesse	3	2,1
Festas	3	2,1
Casa dos parentes	3	2,1
São Paulo	2	1,4
Andando pelo Bairro da Serra	2	1,4
Praia	2	1,4
Com crianças	1	0,7
Com turistas	1	0,7
Leva gado para passear	1	0,7
Total	145	100

Em 2000 existiam no bairro 10 pousadas e 5 *campings*, sendo que desses últimos, somente dois funcionavam quando os demais meios de hospedagem estavam cheios, e não apresentavam nenhuma infraestrutura para acampamento, somente a área para armação das barracas, e duas residências que alugam quartos. Estavam disponibilizados 496 leitos no bairro, excluindo a possibilidade de acampamento. O tempo de permanência nos meios de hospedagem era, na maioria das vezes, de 2 a 3 dias, predominantemente, nos fins de semana e feriados. No Quadro 2 são apresentados os dados referentes aos meios de hospedagem.

Pode-se observar que não existia um controle do número de hóspedes e que alguns meios de hospedagem eram ocupados somente nos feriados, quando a demanda era muito grande. A maioria recebia grupos de excursões de estudantes. Além dos donos que também trabalhavam, as pousadas empregavam 25 pessoas (6,2% da população). Os resíduos sólidos eram retirados pela coleta pública, mas o esgoto era descartado em fossas negras (4

pousadas, 2 campings e nas casas que alugavam quartos), fossas sépticas (4 pousadas) e no rio (2 pousadas).

Quadro 2- Caracterização dos meios de hospedagem no bairro da Serra (dados coletados em outubro de 2000)

Meios de Hospedagem	Frequência de ocupação	Nº Leitos	Demanda mensal	Tamanho do Grupo	Tempo de permanência	Oferece refeições	Nº Funcionários	Destino do Lixo	Destino do Esgoto
Pousa da Fifi	F	24	?	GP	3 dias	sim	N	CP	R
Pousada do Saturnino	E	38	6	GP/C	3 dias	sim	N	CP	R
Pousada do Quiririm	F	39	15	GP	2 a 4 dias	sim	7 a 9 D	CP/CS	FSp
Pousada do Abílio	FS	38	?	GP/C	2 a 4 dias	sim	N	CP/CS	FN
Pousada da Idati	FS	30	?	GP/Ex	2 a 5 dias	sim	1 D	CP/CS	FN
Pousada do Cidão	S	23	50	GP/Ex	3 dias	sim	1 D	CP/CS	FSp
Pousada das Cavernas	S	80	200	Ex	3 a 4 dias	sim	3 D e 3 M	CP/CS	FSp
Pousada Rancho da Serra	F	38	40	GP	4 dias	sim	2 D e 2 M	CP	FN
Pousada do Didi	S	36	?	GP	3 dias	sim	N	CP	FN
Pousada da Diva	FS	130	200	GP/Ex	3 dias	sim	4 D	CP	FSp
Camping do João	F	?	?	C/Ex	3 dias	sim	N	CP	FN
Camping do Dema	F	?	?	GP/C	3 dias	não	N	CP	FN

Legenda: E – Eventualmente; F - Feriados; FS - Fins de semana; C – Casais; ? - Não sabiam responder; GP - Grupos pequenos de até 15 pessoas; C - Casais; R – Rio; FSp - Fossa séptica; FN – Fossa negra; CP - Coleta pública; CS – Coleta seletiva; S – Sempre; N – Nenhum; D – Diaristas; M – Mensalista.

4. DISCUSSÃO

4.1. Impactos econômicos do turismo no bairro da Serra

O município de Iporanga está localizado na região mais carente do Estado de São Paulo. Segundo Veiga e Romão (1998), no Vale do Ribeira, a renda *per capita* é menor que a do Nordeste. Com uma área de 1160,21 Km², Iporanga tem 6% do seu território utilizado para agricultura e outra parte significativa compreende unidades de conservação, o que limita o seu uso e justifica a baixa densidade populacional de 3,93 hab/m². Apesar disso, 54,5% da população (2488 pessoas), segundo censo de 2000, residiam em área rural, em condições muitas vezes bastante precárias (IBGE, 2001).

Em 2000, residiam no bairro da Serra 16,2% da população rural do município, com uma qualidade de vida um pouco melhor que o restante da população rural. Isto é proporcionado pelo turismo uma vez que a maioria dos visitantes do PETAR se hospeda no bairro trazendo benefícios econômicos (Rossi, 1996). De acordo com São Paulo (2010) residem hoje no local 151 famílias,

com 556 pessoas aproximadamente, sendo 270 homens e 286 mulheres; 25% estão entre 0 e 14 anos; 15% entre 15 e 19 anos; 42% entre 20 e 49 anos e 18% da população tem acima de 50 anos, com crescente queda na taxa de natalidade.

Segundo Bonduki (1997), existiam no bairro da Serra 10 meios de hospedagem, 5 bares, 4 quituteiras, uma loja de equipamentos para prática de espeleologia e uma barraca de caldo de cana. Em 2000, como esse estudo evidenciou, os números mudaram. Além dos 5 bares que se mantiveram, surgiu uma pastelaria, uma barraca de sorvetes, uma loja e mais 5 meios de hospedagem, totalizando 15, o que demonstra um pico de crescimento em um intervalo de poucos anos e que não parou. Hoje são 20 meios de hospedagem, 15 pousadas e 5 campings, num total de 735 leitos e 308 locais para instalação de barracas (São Paulo, 2010).

A geração de empregos diretos e indiretos é um dos principais impactos econômicos do turismo. Como esse estudo evidenciou, o turismo gerou e mantinha a maior parte dos empregos no bairro e ainda existia a expectativa de gerar mais empregos e

renda, como as entrevistas indicaram. Os moradores demonstraram grande aceitação pela atividade turística, demonstraram expectativa de aumento de renda hospedando turistas, ou ainda pela geração de mais empregos.

Essa visão positiva, de certa forma mascarava a identificação de problemas por parte da população, como a degradação ambiental. Isso também indica que os serviços oferecidos tendiam a aumentar, já que novos pontos de comércio e prestação de serviços poderiam ser abertos. Estudos posteriores comprovaram essa hipótese. Segundo Castro e Espinha (2008) em 1991, 9,3% da população local era formalmente empregada em atividades turísticas. Já em 2003 esta porcentagem aumentou para 51,62%, e, em 2006, passou a 85,13%.

Esse crescimento de oferta ocorre sem uma avaliação de demanda real, que poderá levar ao fechamento de vários empreendimentos no futuro. Silveira (2008) aponta que o bairro da Serra tem sua capacidade de recepção esgotada e não será capaz de oferecer empregos suficientes, frustrando expectativas, gerando descontentamento e acentuando a estratificação social.

Cabe ressaltar que a atividade econômica turismo, não foi uma opção da população, mas sim uma imposição, frente a legislação ambiental que restringe o uso das áreas ocupadas pela Mata Atlântica e a criação da unidade de conservação voltada para turismo. Como observa Silveira (2008) isso provocou interrupção de formas costumeiras de sociabilidade e produção, como a agricultura e de outras atividades agroextrativistas. Por outro lado uma nova atividade se desenvolveu, a de monitor ambiental. Como o presente estudo evidenciou essa atividade é importante em termos de geração de renda para parte da população do bairro da Serra.

Bonduki (1997) observou que a demanda de monitores no Bairro da Serra era pouco regular e não regulamentada, o que criava incertezas. Castro e Espinha (*op cit.*) comentam que houve um demanda por parte dos próprios moradores para formação de monitores na década de 90 e apontam a mudança no sistema produtivo local, da produção em pequenas roças para a prestação de serviços, a mediação entre visitante e meio natural. Como é apontado pelos autores, isso contribuiu para sensação de pertencimento ao lugar por parte da comunidade, sendo inclusive incorporado ao seu universo simbólico.

No presente trabalho, foi observado que a maior demanda por monitores ocorria nos fins de semana e que existia uma competição com monitores de Apiaí e Iporanga, que também tentam

se organizar. Hoje a AMOIR – Associação dos monitores de Iporanga e Região tenta organizar os monitores que atuam nas cavernas e em outros atrativos da região (São Paulo, 2010).

O turismo tem sido responsabilizado pela fixação do homem no campo. Segundo Zimmermann (2000), uma das funções do turismo rural e, também do ecoturismo, é a manutenção de atividades agrícolas tradicionais e, conseqüentemente, a manutenção da família rural no campo.

Segundo Campos (1990), no início dos anos 90, era grande o êxodo dos jovens do bairro da Serra para outras regiões em busca de empregos e melhores condições de vida, comportamento que poderia ser alterado com o aumento da oferta de trabalho proporcionado pelo crescimento turístico. Dez anos depois, as previsões parecem ter se concretizado. É grande a população de jovens no bairro e pode-se verificar que existe expectativa de trabalho para eles, favorecendo a fixação no local.

Um aspecto importante que deve ser frisado é a geração de empregos para mulheres, principalmente nas pousadas, permitindo uma maior participação feminina na população economicamente ativa. Por outro lado, essa atividade modifica um padrão familiar patriarcal. Campos (1990) citou que as mulheres trabalhavam em casa e na roça, sem fim de semana; umas poucas começam a trabalhar fora, em função do turismo.

Em São Carlos de Bariloche, Argentina, o aumento de empregos para mulheres foi considerado um fator importante no desenvolvimento local (Schlüter, 1999), permitindo equilíbrio numérico entre sexos, uma vez que o número de homens era superior ao de mulheres, e muitas delas imigraram para trabalhar em hotéis. Deve-se observar que a maioria da população do bairro da Serra é do sexo masculino, fato que poderia contribuir para a emigração de homens.

Um impacto positivo do turismo é o aquecimento da economia. Swarbrooke (2000) explicou que ocorre o “efeito multiplicador” na economia, sendo o dinheiro gasto pelos turistas, circulado em ondas na economia local. Assim, o dinheiro gasto pelo turista em hospedagem, vestuário, diversão, refeições, guias, etc., gera uma segunda onda de gastos, provocados pelos empreendedores e assalariados, que por sua vez, movimentam todos os setores econômicos. Por outro lado, a fuga do capital gerado pelo turismo é um impacto negativo frequente em países em desenvolvimento, cuja economia é baseada na produção primária ou na venda do meio ambiente

natural. Em escala regional, isso ocorre no bairro da Serra e em Iporanga, locais com poucos recursos. A aquisição de mercadorias para consumo dos turistas é feita em cidades com economia mais desenvolvida, onde a oferta de produtos é mais variada e, muitas vezes, o preço é menor. No caso do bairro da Serra, as cidades de Apiaí e Registro são beneficiadas, uma vez que donos de pousadas fazem compras de mercadorias nesses municípios. Isso contribui para fuga de capital e assim diminui circulação do dinheiro gasto pelos turistas na economia local.

Outro impacto econômico negativo decorre da sazonalidade. No bairro da Serra, isto pode ser observado quando a demanda diminui nos meses de março e agosto (São Paulo, 2010).

Segundo os proprietários das pousadas, a maioria dos turistas chegam em grupos, geralmente escolares. Em fevereiro e julho a demanda existe graças à presença de turistas que visitam a região por conta própria. Outro fator importante é o clima que influencia a sazonalidade. Nos períodos chuvosos, além da diminuição do número de turistas, existe o problema do acesso. Em 1997, uma enchente praticamente isolou o bairro e o município de Iporanga, erodindo estradas, provocando desmoronamentos e interditando a ponte que dá acesso pela Rodovia Régis Bittencourt.

A oscilação do número de visitantes no PETAR é um indicativo de efeitos sazonais e também de outros não previsíveis como modismos e inerentes à administração do parque. Os esportes de aventura foram motivo de grande procura no início dos anos 2000, assim o PETAR se tornou um destino da moda. Segundo Sano (2007), em 2002 o PETAR recebeu 48.693 visitantes e de acordo com Lobo (2005) em 2004 esse número cai para 30.271 visitantes. Já em 2008 o Parque foi fechado por problemas relacionados à gestão e comprometeu a atividade econômica no bairro da Serra (São Paulo, 2010).

A especulação imobiliária parece ter sido mais intensa em outros períodos. Em 2000, o estudo demonstrou que 29,2% das casas do bairro pertenciam a turistas ou a ex-moradores, mas não foi encontrado nenhum morador que confirmou ter vendido suas posses e ainda mora no bairro.

De Blasis (1996) citou que ocorreu adensamento populacional nos pontos iluminados do bairro e que casas de turistas foram construídas, permanecendo a maior parte do tempo vazias. Campos (1990) mencionou que inúmeros moradores venderam pequenos lotes e Silveira (1998) cita que alguns lotes foram vendidos para construção de pousadas. Essa opção é menos problemática, uma

vez que um bem de produção (a terra) é “trocado” por um de prestação de serviço (hospedagem). Fogaça (2008) também aponta a especulação imobiliária no bairro da Serra como um dos impactos provocados pela atividade turística. Sem dinheiro para investir no turismo e por não conhecerem a atividade alguns moradores venderam suas terras para morar em outros locais. A autora ressalta que a venda de lotes de pequeno tamanho, sem adequação a geomorfologia do terreno, contribui para degradação ambiental, provocando o desmatamento e favorecendo erosão e assoreamento de rios.

5.2. Impactos socioculturais do turismo no bairro da Serra

Apesar da maioria dos moradores não considerar que o turismo tenha modificado seu modo de vida, ou se mudou foi para melhor, o *efeito demonstração* deve estimular hábitos de consumo. Isso ocorreu quando foi inaugurada uma loja de artigos para prática de esportes de aventura no bairro, para atender turistas, mas que num primeiro momento atendeu aos moradores, principalmente, os mais jovens. O contato com turistas também pode aumentar o consumo de bebidas alcoólicas, principalmente, nos momentos em que eles interagem com turistas nos bares do bairro. Fogaça (2008) aponta que novas demandas surgiram pelo desenvolvimento turístico e os moradores começaram a comprar coisas que não fazem parte do seu cotidiano e acumulam capital simbólico.

A alteração no padrão arquitetônico local também mudou. Influenciados pelos meios de comunicação e por considerarem as casas de pau a pique menos confortáveis, duráveis e de manutenção difícil, as casas de alvenaria, inclusive com dois pavimentos começaram a ser construídas, segundo Fogaça (*op cit.*). Isso foi favorecido pelo desenvolvimento que o turismo promoveu. Como cita Swarbrooke (2000), a indústria da construção civil é uma das primeiras a se desenvolver junto a atividade turística.

A ascensão social proporcionada pela melhoria das condições econômicas não deve ser descartada como mudança nas condições de vida e gerador de conflitos com os atores que não conseguem essa ascensão. Campos (1990) observou que não existiam diferenças sociais pelo nível de renda no bairro na década de 80. Já o presente estudo mostrou modificação na estrutura social do bairro. Fogaça (*op cit.*) aponta conflitos no bairro. Segundo a autora, as pousadas e a área de comércio do bairro, com melhor infraestrutura, estão

concentradas na margem direita, assim os moradores da margem esquerda são sob esse aspecto, excluídos do desenvolvimento” propiciado pelo turismo.

Muitas mudanças ocorreram em 20 anos. Campos (1990) observou que, no final da década de 80, só existia no bairro um telefone que recebia recados para todos os moradores. Geladeiras eram raras e a televisão passou a ser um atrativo, quando foi instalada no "bar do JJ". Em 2000 algumas pousadas possuíam telefone e algumas residências geladeira. Hoje existem vários telefones na via principal e acesso à telefonia para várias residências (São Paulo, 2010).

Como foi observado nesse estudo, muitos atrativos e estabelecimentos comerciais eram usados por turistas e moradores. Isto favorece a população local criando novos locais de diversão, porém, cada vez mais, o turismo envolve a população. Todos os entrevistados frequentavam pelo menos um local em comum com turistas. Alguns entrevistados relataram comportamentos dos turistas que os escandalizavam, como banhos nus e o uso de drogas, fato já observado por Bonduki (1997) anteriormente.

O presente estudo evidenciou o baixo grau de instrução da população, o que de certa forma está relacionado ao isolamento do bairro, principalmente, levando em consideração a fração mais idosa da população que teve menos oportunidades. No bairro só existe uma escola de ensino fundamental, e o ensino médio só é oferecido a 17 km, no centro urbano de Iporanga. Campos (1990) comentou que o ensino era muito fraco no município e Bonduki (1997) citou que a evasão escolar era grande. Hoje, os jovens têm mais facilidades para frequentar a escola; uma delas são os meios de transporte. O turismo também contribuiu para a melhoria do grau de instrução dos jovens. Como o trabalho de monitor ambiental é procurado por essa faixa etária, a Associação Serrana Ambientalista (ASA), uma organização não governamental do bairro, que junto à Secretaria do Meio Ambiente organiza e seleciona os alunos do curso de monitores, exige que eles tenham concluído o ensino médio para serem aceitos, incentivando, desta forma, a frequência escolar. Hoje, a ASA, que dentre outras preocupações e objetivos ajuda na capacitação de monitores ambientais, além de lutar por questões relativas à comunidade junto a Associação de Moradores do bairro da Serra – AMOR, criada quando do fechamento de cavernas através do embargo administrativo do PETAR em 2008 (São Paulo, 2010).

Um dos primeiros meios de produção do bairro foi a roça, que em 2000 contribuía com 15,3% das ocupações. Alguns entrevistados consideraram

que o turismo melhorou seu modo de vida por permitir o abandono da roça, ao propiciar um trabalho menos desgastante e mais rentável. Por outro lado, 6% dos entrevistados citaram que a implantação de roças é uma necessidade para melhoria da região. Bonduki (*op. cit.*) observou que alguns moradores abandonaram as roças para trabalhar como monitor. Apesar de ser uma forma de fixar o homem no campo, isso implica modificações de hábitos culturais.

O impedimento do plantio foi uma das causas do descontentamento dos moradores mais antigos com a implantação do PETAR, uma vez que os limites do Parque se superpunham à área do bairro. Segundo Silveira (1998), quando os limites do parque foram definidos em 1958, ele cortava o bairro da Serra. O parque se tornou vilão, já que muitas pessoas foram impedidas de obter recursos, aumentando ainda mais a pobreza do local. Na década de 90, o turismo modificou este cenário e o período de estagnação pareceu ter terminado (Bonduki, *op. cit.*). Os turistas e seus recursos, trazidos pelos atrativos do parque, mudaram essa visão. Mesmo assim, a rejeição em relação ao PETAR ainda existe como foi observado nesse estudo. Figueiredo (2000) também verificou que a comunidade do bairro da Serra via o turismo como alternativa às restrições geradas pela unidade de conservação.

Os conflitos, gerados pela implantação de unidades de conservação em áreas ocupadas por populações tradicionais, têm sido estudados no Brasil. Diegues (1996) apontou que o modelo de preservação americano, adotado no Brasil, em que os espaços preservados são vazios, e não se permite a presença de moradores, está em desacordo com a realidade das florestas tropicais, onde as populações nativas desenvolveram formas de uso e ocupação dos recursos naturais, com sistemas de manejo de fauna e flora, protegendo e até aumentando a biodiversidade.

Exemplos desse descaso com o saber tradicional e com seus criadores foram demonstrados na Reserva Ecológica da Joatinga, no Rio de Janeiro, por Diegues e Nogara (1994). Diegues (1998) citou, ainda, estudos realizados pelo Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas (NUPAUB), focando a relação entre áreas protegidas e populações humanas, em Guaraqueçaba (Paraná), Juréia-Itatins (São Paulo), Pantanal Matogrossense, complexo estuarino lagunas de Iguape-Cananéia (São Paulo), dentre outros. Em relação ao turismo, Diegues (1997) mencionou a incompreensão dos moradores tradicionais ao verem turistas nas áreas protegidas de

onde foram retirados, sendo que foram os responsáveis pela manutenção da integridade dos ecossistemas.

O PETAR é um lugar de lazer importante para a população local, assim como a igreja. Segundo Bonduki (1997), a igreja passou a ter o papel de encontro social que anteriormente ocorria no trabalho rural em mutirão. A demanda interna por recursos naturais para o lazer, como foi observado, é um fator importante na valorização e conservação do meio ambiente.

Do ponto de vista socioambiental alguns aspectos devem ser considerados. A estagnação criada, quando o parque foi implantado, levou muitos moradores a se tornarem palmiteiros, problema revertido com o aumento da demanda turística e que volta a se intensificar com o embargo de 2008 (São Paulo, 2010). Por outro lado, outros problemas ambientais surgiram. O elevado número de turistas leva à produção de grande volume de lixo e esgotos. Magro (1999) citou que os efeitos da visitação em parques podem parecer insignificantes, quando comparado a outros problemas ambientais (por exemplo, os gerados nos ecossistemas urbanos ou pelas atividades agrícolas). Mas, a crescente demanda por recreação e lazer em áreas naturais tem aumentado a pressão sobre essas áreas.

Como foi observado nesse estudo e ainda ocorre (SIAB, 2009), o lixo é, na maioria dos casos, coletado pela prefeitura e levado para um lixão. Uma pequena parte dos moradores enterra ou queima seu lixo, provocando poluição do solo e do ar. O esgoto da maior parte das pousadas é lançado em fossas negras, que podem contaminar o lençol freático, ou são lançados nos rios. Segundo praticantes de boia *cross*, em alguns locais do rio Betari pode-se sentir “cheiro de peixe”, devido ao lançamento de esgotos. Com o aumento da demanda, esse problema pode agravar-se. Giatti (2004) evidenciou a necessidade de adequação do saneamento do bairro da Serra ao encontrar indicativos de poluição por esgotos domésticos no trecho do rio Betari que está sobre influência do bairro, sendo que dois de seus afluentes se encontravam bastante poluídos e em inconformidade com a legislação ambiental. Observou ainda que o lixo coletado no bairro é levado a outro local e disposto incorretamente, externalizando os impactos do bairro.

Os rios são utilizados para lazer da população e dos turistas, e para dessedentação de animais. Algumas residências são abastecidas com água de cavernas, que podem ter sua qualidade comprometida, devido ao aumento da visitação. Os moradores têm consciência do problema, como foi verificado nas entrevistas desse estudo. Saneamento

básico foi o item mais citado para melhoria do bairro, depois dos empregos.

A aceitação do turismo como algo positivo, que promove o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida, como observado no bairro da Serra, é um fenômeno comum nos locais que estão se desenvolvendo recentemente. A Ilha de Cotijuba, localizada na baía de Marajó, na grande Belém do Pará, passou por situação semelhante. Dados de 1995, obtidos por Cruz (1996), demonstraram o crescimento do número de empregos e a aceitação do turismo. Novas formas de lazer surgem, como conversas com outras pessoas, porém existe, por parte dos moradores, a consciência dos impactos negativos que o turismo pode trazer. O bairro da Serra pareceu se encontrar numa fase de euforia em relação ao turismo; o positivismo e as expectativas da comunidade local nos levam a acreditar nisso, o que corresponde ao estágio inicial proposto por Mathieson e Wall (1988). Segundo esses autores, existe nessa fase um sentimento de satisfação mútua, gerada pelo crescimento econômico. Há uma segunda fase, caracterizada por uma apatia, em que a formalidade das relações comerciais predomina. Numa terceira fase, a incapacidade de atender as exigências da demanda e a saturação da atividade provoca irritação. O antagonismo caracteriza a quarta fase, em que os problemas, agora evidentes, são de responsabilidade dos turistas, que passam a ser hostilizados. Finalmente, a quinta fase é a do conformismo, em que a população terá que conviver com o turismo nas proporções em que possa crescer.

Pérez (1999) observou uma atitude neutra por 50% da população local, e positiva por outros 30% da população da Villa La Angostura (Argentina). Segundo o autor, os impactos econômicos são percebidos como positivos, e geram aceitação do turismo, porém, com o aumento da atividade, os impactos negativos, ambientais e socioculturais, começam a ser percebidos, gerando opiniões neutras ou negativas em relação ao turismo, confirmando também a existência de uma faixa de tolerância por parte da população local. As pessoas envolvidas com turismo são as que acham positivo o desenvolvimento da atividade, mesmo sendo as que sofrem maiores impactos.

Através dos estudos de Souza e Viera Filho (2011) no arquipélago de Fernando de Noronha é possível observar efeitos da atividade turística muito semelhante aos observados no Bairro da Serra. Ambos atraem o turista por seus atrativos naturais. Como o arquipélago, o bairro ficou isolado do desenvolvido sudeste brasileiro por suas áreas protegidas e pela dificuldade de acesso.

Como no bairro da Serra, em Fernando de Noronha (Souza e Viera Filho, *op. cit.*) a geração de renda para comunidade da ilha é vista como principal fator promotor da aceitação turística pela população local. A grande maioria da população (83,3%) considera que o turismo traz benefícios e apontam a infraestrutura como ponto bastante positivo. Ao comparar a situação da ilha hoje, com o passado, os autores verificaram que 75,3% consideram que está melhor, graças ao turismo. Também apontam a mudança de hábitos, vestuários e linguagem dos mais jovens, como reflexo do contato com turista, inclusive o consumo de álcool e drogas. Citam também a mudança no uso do espaço urbano e atração de migrantes que trabalham com turismo. Por outro lado apontam que o turismo mudou suas vidas. Se sentem excluídos de benefícios advindos da atividade, em relação aos migrantes, devido ao contraste socioeconômico. Tem a percepção de que esses novos moradores modificaram a ilha e se sentem ameaçados.

Existe uma característica importante em relação ao desenvolvimento turístico pelo qual passa

o bairro da Serra. Os atrativos naturais da região trazem os turistas, e a comunidade se empenha em aproveitar essa procura. Apesar da falta de investimentos por parte das instituições públicas e da falta de uma política governamental de desenvolvimento, ocorre o crescimento econômico e melhorias das condições de vida com usufruto de infraestrutura e absorção de mão de obra local.

As decisões quanto à criação de empreendimentos e investimentos partem exclusivamente da população do bairro e as decisões são tomadas pela própria população, dentro de um modelo local. Empregadores e empregados são moradores do bairro uma situação diferente de muitas outras áreas onde as decisões são tomadas do topo para a base, sem envolvimento das populações locais, nem observação de suas necessidades, com mão de obra importada.

No Quadro 3 apresenta-se um resumo dos impactos do turismo no bairro da Serra.

Quadro 3 – Resumo dos impactos reais e potenciais do turismo no bairro da Serra evidenciados nesse estudo.

Positivos	Negativos
Impactos Econômicos	
Aumento da oferta de empregos diretos e indiretos	Sazonalidade
Melhor distribuição de renda	Evasão de divisas
Fixação do homem no campo	Especulação imobiliária
Melhoria da infraestrutura (coleta de lixo, comércio)	Expectativa de melhoria das condições econômicas nem sempre atingida
Maior arrecadação de impostos	Alteração dos padrões tradicionais de produção
	Atração de mão de obra de outras localidades (impacto potencial)
Impactos Sócio-Culturais	
Interação com outras culturas	Alteração de padrões morais (bebida)
Ascensão social	Conflitos sociais entre moradores
Lazer	Doenças de veiculação hídrica devido a falta de saneamento
Organização comunitária (ASA, AMOR AMAIR)	Estímulo à hábitos de consumo
Colocação da mulher no mercado de trabalho	Alteração do padrão familiar patriarcal
Envolvimento da população local	Comportamentos considerados ofensivos por parte dos turistas (uso de drogas e banhos nus)
Impactos ambientais	
Valorização e preservação do meio natural pela população local e por turistas	Lançamento de esgoto nos córregos e rios
Aceitação do PETAR	Produção de resíduos sólidos
	Desmatamento
	Erosão e assoreamento
	Ocupação desordenada

5.3. Propostas para o desenvolvimento sustentável do turismo no bairro da Serra

É fundamental a elaboração de um plano de desenvolvimento turístico para o município de Iporanga e bairro da Serra. Novos atrativos devem

ser criados e atividades incrementadas, em vez de serem construídas pousadas que passarão a maior parte do tempo desocupadas. Uma opção é estimular, de forma planejada, o turismo no bairro do Betari. Isso diminuirá a pressão em algumas áreas

muito visitadas, como as cavernas do parque, e gerará mais empregos.

Estimular a produção agrícola em pequenas roças, por parte dos moradores, para comercialização com as pousadas, ajudará na manutenção das tradições, fixará o homem no campo, propiciará renda a esses produtores e diversificará a produção. Devem-se utilizar áreas antropizadas, com baixa declividade, obedecendo à legislação ambiental, para implantação dessas roças.

É fundamental a preparação da população para a gestão do turismo e melhoria dos serviços e instalações, contribuindo para maior satisfação do turista e arrecadação por parte dos empreendedores.

Devem ser feitos investimentos em meios de transporte e estradas, assim como num sistema de saúde mais eficiente e até mais próximo do bairro da Serra. É necessário implantar um sistema de coleta e tratamento de esgoto, antes que os cursos de água estejam comprometidos. Cada residência deve possuir sua fossa séptica e pousadas com maior número de leitos podem investir em pequenos sistemas de tratamento de esgoto.

A população deve ser ouvida para que suas necessidades sejam atingidas, mesmo porque, trata-se de uma comunidade particular, de certa forma fechada, e imposições dificilmente seriam aceitas.

Tudo isso contribuirá para a melhoria das condições de vida dos moradores do bairro e preservação ambiental, e garantirá a sustentabilidade da atividade e do ambiente. Segundo Hall (2001), o planejamento turístico não se refere apenas ao desenvolvimento do setor, mas também à promoção de melhoria ou maximização econômica, social e ambiental.

Para que a região se desenvolva de modo sustentável, uma série de ações devem ser implementadas, em que governo, iniciativa privada e comunidade local devem trabalhar conjuntamente. A seguir são sugeridas ações e responsabilidades para desenvolvimento da infraestrutura e serviços (Quadro 4), desenvolvimento dos recursos humanos (Quadro 5), dos aspectos legais, de vigilância e controle (Quadro 6) e aspectos turísticos (Quadro 7).

Quadro 4. Proposta para desenvolvimento e adequação da infraestrutura e serviços do bairro da Serra.

Ação	Responsabilidade	Objetivo	Efeito
Melhoria dos acessos	Governos Estadual e municipal	Facilitar os acessos para turistas e população residente	Aumento da demanda, diminuição da sazonalidade
Tratamento de Esgoto	Governos Estadual e Municipal e iniciativa privada	Minimizar impactos ambientais	Proteção dos corpos d'água
Hospital ou Ambulatório	Governos Estadual e Municipal	Atendimento à população local e aos turistas	Melhoria das condições de vida
Programa de coleta seletiva	Governo Municipal, iniciativa privada e comunidade	Minimizar impactos ambientais	Proteção dos corpos d'água e do solo
Área de Lazer	Governo Municipal	Atender população	Fixação da população
Desenvolvimento turístico de outros bairros do município	Governo municipal e iniciativa privada	Dispersar o turista para novos atrativos	Diminuição da pressão sobre o bairro da Serra e melhoria das condições de vida de outras áreas
Melhoria das Telecomunicações	Iniciativa privada	Atender população e demanda turística	Facilidade de comunicação

Quadro 5. Proposta para desenvolvimento de recursos humanos no bairro da Serra.

Ação	Responsabilidade	Objetivo	Efeitos
Treinamento em Hospedagem e Hotelaria	Governo Municipal e iniciativa privada	Melhorar atendimento e eficiência	Aumento da demanda
Educação para o turismo (formal e não formal)	Governo Municipal e iniciativa privada	Conscientizar os jovens sobre a importância e consequências do turismo	Melhor entendimento entre população residente e turista; minimizar impactos
Criar Central de monitores	ASA (Associação Serrana Ambientalista), AMAIR (Associação de monitores ambientais de Iporanga e região)	Melhor distribuição de trabalho	Melhor distribuição de renda e geração de novos empregos

Quadro 6. Aspectos legais, de vigilância e controle que devem ser implementados no Município de Iporanga para favorecer o desenvolvimento turístico.

Ação	Responsabilidade	Objetivos	Efeitos
Legalização das empresas	Governo Municipal	Regularizar o funcionamento dos equipamentos	Melhorar condições de atendimento e arrecadação de recursos
Criação das Leis Municipais de Turismo	Governo Municipal e comunidade	Regularizar a atividade turística no município	Normatizar a atividade, a fiscalização e responsabilidades, de acordo com a realidade local
Vigilância Sanitária	Governo Municipal e Estadual	Regularizar o atendimento para alimentação	Melhorar condições de atendimento
Fiscalização e controle de uso e ocupação do solo	Governos Estadual e Municipal	Evitar degradação ambiental e criar critérios de urbanização	Manutenção das condições ambientais e desenvolvimento urbano planejado
Aplicação da Agenda 21 para o Vale do Ribeira	Todos os setores	Desenvolvimento sustentável da região	Proteção ambiental, desenvolvimento social e econômico
Regularização fundiária	Governo Estadual	Regularizar propriedades e demarcação do parque	Legalizar posses e evitar conflitos de uso da terra
Implementação do Plano de Manejo do PETAR e do Plano de Manejo Espeleológico das cavernas do PETAR	Governo Estadual, Municipal e iniciativa privada	Adequação às prerrogativas dos Planos de Manejo e áreas tampão	Compatibilização do uso dos recursos naturais e atividade turística

Quadro 7. Propostas de adequação de equipamentos e atividade turística no bairro da Serra.

Ação	Responsabilidade	Objetivos	Efeitos
Criação de novos atrativos	Iniciativa privada e Governo Municipal	Diversificar atrativos	Diminuir pressão de visitação em algumas áreas, distribuição de renda
Adequação dos meios de hospedagem	Iniciativa privada	Melhoria das condições de hospedagem	Aumento de opções de hospedagem e satisfação dos turistas
Elaboração de diretrizes para turista	Iniciativa privada, comunidade e Governos Municipal e Estadual	Minimizar impactos	Auxilia turista e diminui os impactos
Recomposição da mata ciliar	Todos os setores	Restauração das características ecológicas	Manutenção da integridade dos ecossistemas aquáticos

6. CONCLUSÕES

A atividade turística gera impacto econômico positivo no bairro da Serra. O número de meios de hospedagem aumentou nas décadas de 90 e continua aumentando, e a maioria dos empregos da população do bairro está ligada à atividade do turismo. Existe expectativa da geração de mais empregos e renda, e é por isso que a população vê o turismo positivamente. Os empregos, principalmente como monitores ambientais, favorecem a fixação dos jovens no bairro e as mulheres estão trabalhando em pousadas. Modificações na renda de moradores têm gerado divisão social, um fator gerador de conflitos, uma vez que, a maior parte da população do bairro não tem perspectivas de ascensão social.

O crescimento do turismo propiciou lazer para a população residente, já que equipamentos e serviços (bares) podem ser utilizados pela comunidade local. Por outro lado, novos hábitos de consumo foram inseridos.

Como o turismo é visto positivamente e o PETAR é o principal atrativo, o parque também é aceito hoje, fato que não ocorreu quando de sua implantação. A população pode estar passando por uma fase de euforia em relação ao turismo devido aos impactos econômicos.

O planejamento turístico da área é fundamental para manutenção da qualidade ambiental e melhoria das condições de vida da população local. São necessárias ações em relação à

infraestrutura, recursos humanos, atividade turística sustentável da região com a atividade turística. e aspectos legais para garantir o desenvolvimento

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bonduki, M. I., 1997. **O turismo como agente transformador do Bairro da Serra - Iporanga - SP.** Trabalho de Conclusão de Curso, ECA - USP, 77 p.
- Campos, A.C.E., 1990. **Bairro da Serra - diretrizes para crescimento e participação comunitária.** Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo. 63 p.
- Castro, C. E. & Espinha, A.M.L., 2008. Narrativa sobre a estruturação de um parque e algumas de suas humanidades. **Pesquisa em Turismo e Paisagens Cársticas**, 1(1), 29 - 41. Disponível em www.cavernas.org.br/ptpc/ptpc_v1_n1_007-017.pdf, acessado em 06 jan 2012.
- Cruz, S. H. R., 1996. Turismo na Ilha de Cotijuba sob a percepção de seus residentes. **Turismo em análise**. 7(1): 79 - 90.
- De Blasis, P. A. D., 1996. **Bairro da Serra em três tempos: arqueologia, uso do espaço regional e continuidade cultural no médio vale do Ribeira.** Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 166 p.
- Diegues, A. C. S. & Nogara, P. J., 1994. **O nosso lugar virou parque: estudo sócio-ambiental do Saco do Mamangá-Parati-Rio de Janeiro**, São Paulo, NUPAUB/USP, 184 p.
- Diegues, A.C., 1996. **O mito moderno da natureza intocada.** Editora Hucitec, São Paulo, 169 p.
- Diegues, A.C., 1997. As áreas naturais protegidas, o turismo e as populações tradicionais. In **Viagens à natureza**. Serrano, C.M.T. & Bruhns, H.T. (orgs.). Papirus Editora, Campinas, p. 85 –102.
- Diegues, A. C., 1998. A questão sociocultural nas áreas protegidas. Os conflitos sociais gerados pelo modelo tradicional de conservação. **Debates Sócio Ambientais**. 3(9): 6 – 8.
- Domingos, M.D., 2002. **Limnologia do Rio Betari (Iporanga-SP) e a relação com estado de conservação de sua bacia hidrográfica - subsídios para o desenvolvimento sustentável da região.** Tese de Doutorado. Escola de Engenharia de São Carlos – USP, São Carlos, 272 p.
- Figueiredo, L.A.V., 2000. **“O meio ambiente prejudicou a gente...” Políticas públicas e representações sociais de preservação e desenvolvimento; desvelando a pedagogia de um conflito no Vale do Ribeira (Iporanga-SP).** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas-SP. 612 p.
- Fogaça, I.F., 2008. Estudo das transformações da estrutura física do bairro da Serra, entorno do PETAR, em decorrência da atividade turística. **Pesquisa em Turismo e Paisagens Cársticas**, 1(1): 7 – 17. Disponível em www.cavernas.org.br/ptpc/ptpc_v1_n1_029-042.pdf, acessado em 20 jan 2012.
- Giatti, L. L., 2004. **Ecoturismo e impactos ambientais a região de Iporanga – Vale do Ribeira – São Paulo.** Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública – USP, São Paulo, 210 p.
- Giatti, L.L. & Rocha, A.A. 2001. Impactos Ambientais do Turismo na Região do PETAR – Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira – São Paulo – Brasil. In **Proceedings 13th International Congress of Speleology, 4th Speleological Congress of Latin America and Caribbean; 26th Brazilian Congress of Speleology**. Brasília. Disponível em www.cavernas.org.br/anais26cbe/26CBE_711-715.pdf, acessado em 06 jun 2012.
- Giatti, L.L., Rocha, A.A., Santos, F.A., Bitencourt, S.C. & Pieroni, S.R.M., 2004. Condições de Saneamento Básico em Iporanga, Estado de São Paulo. **Rev. Saude Pública**, 38(4): 571 – 7.

- GT-PETAR/CENIN - Centro Interdisciplinar de Pesquisas, 1980. **Alto Vale do Ribeira: A necessidade de preservação.** Sociedade Brasileira de Espeleologia, 8 p.
- Hall, C. M., 2001. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos.** São Paulo, Contexto. 296 p.
- IBGE, 2001. **Iporanga - SP.** CIDADES@,. Disponível em www.censo.gov.br/cidadesat/default.php.11/2009. Acessado em 12 nov 2009.
- Lindberg, K. & Hawkins, D.E. (eds.), 1995. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão.** São Paulo, Editora SENAC.
- Lobo, H. A. S., 2005. Considerações preliminares para a reestruturação turística da caverna de Santana – PETAR, Iporanga, SP. Anais do **XXVIII Congresso Brasileiro de Espeleologia**, Campinas. 77 – 87 p. Disponível em www.cavernas.org.br/anais28cbe/28cbe_077-087.pdf, acessado em 06 jun 2012.
- Magro, T.C., 1999. **Impactos do uso público em uma trilha no planalto do Parque Nacional de Itatiaia.** Tese de Doutorado, Escola de Engenharia de São Carlos – USP, São Carlos, 135 p.
- Mathieson, A. & Wall, G., 1988. **Tourism - Economic, physical and social impacts.** Nova Iorque, Longman.
- Mattar, F.N., 1996. **Pesquisa de Marketing.** Editora Atlas S.A., São Paulo.
- Pérez, A., 1999. Impactos turísticos. Su percepción por parte de la población anfitriona. Caso Villa la Angostura (Argentina). **Estudios e Perspectiva en Turismo**, 8: 5 – 23.
- Rossi, P.R., 1996. **O estudo da demanda real no Núcleo Santana (Parque Estadual Turístico Alto Ribeira. Identificação das possíveis causas para o aparecimento do fluxo do turismo não operacionalizado.** Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Ibero-Americana de Ciências Humanas. São Paulo, 192 p.
- Sanchez, L. E., 1984. Cavernas e paisagem cárstica do Alto Vale Ribeira/SP: uma proposta de tombamento. **Espeleo-Tema**, 14: 9 - 24.
- Sano, N.N., 2007. **Estudo comparado da gestão de visitas nos Parques Estaduais Turísticos do Alto Ribeira (PETAR) e Intervalos (PEI).** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 133 p.
- São Paulo (Estado). 2010. **Plano de Manejo do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira.** São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente. Fundação Para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo, 912 p.
- Schlüter, R.G. (1999) Impactos del turismo em zonas costeras. Rol de los faros em la preservación del ambiente. **Estudios y perspectivas em turismo**. 8 (1): 24 - 56.
- Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. 1999. **Documentos básicos para o plano de manejo: Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira.** Sistematização preliminar de informações, fevereiro/1999, 99 p.
- SIAB, Sistema de Informação de Atenção Básica, novembro, 2009.
- Silveira, P.C.B., 1998. **O Bairro da Serra e a questão ambiental: modos de ver e agir no Vale do Ribeira - SP.** Relatório Final FAPESP, Processo 97/14513-5. São Paulo, 59 p.

- Silveira, P.C.B., 2008. “Mal para nós, Bem para o mundo?” Um Olhar Antropológico sobre a Conservação Ambiental no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR). **Pesquisa em Turismo e Paisagens Cársticas**, 1(1): 19 – 28. Disponível em www.cavernas.org.br/ptpc/ptpc_v1_n1_029-042.pdf, acessado em 06 jun 2012.
- Souza, G.M.R. & Vieira Filho, N.A.Q., 2011. Impactos socioculturais do turismo em comunidades insulares: um estudo de caso no arquipélago de Fernando de Noronha – PE. **Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica**, v. 6, n. 4, Rio de Janeiro. 18 p. Disponível em app.ebape.fgv.br/revistaoit/asp/dsp_lst_artigos_edicao.asp?coded=129, acessado em 10 mai 2012.
- Swarbrooke, J., 2000. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. Vol. 1., Editora Aleph, São Paulo, 140 p.
- Trajano, E., 1986. Vulnerabilidade dos troglóbios a perturbações ambientais. **Espeleo-Tema**, 15: 19 - 24.
- Veiga, J. E. R. & Romão, D. A. 1998., O Ecoturismo como estratégia de desenvolvimento regional. In **Turismo e Meio Ambiente**. Vasconcelos, F. P. (org.) Vol. 3, Fortaleza, 169 – 185 p.
- Zimmermann, A., 2000. Planejamento e organização do turismo rural no Brasil. In **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Almeida, J.A., Froehlich, J.M. & Riedl, M. (orgs.), Papirus Editora, Campinas, 127 – 142 p.

Editorial flow/Fluxo editorial:

Received/Recebido em: 23.03.2012

Corrected/Corrigido em: 18.07.2012

Accepted/Aprovado em: 24.08.2012



TOURISM AND KARST AREAS
(formerly/formalmente: Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas)
Brazilian Speleological Society / Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE)

www.cavernas.org.br/turismo.asp
